

Perguntam aos seus amigos, perguntam a mim, o impossível. Falar em algumas palavras, em alguns minutos, na emoção e na perturbação, de nossa amizade, tão aberta e tão secreta, uma amizade de quarenta anos da qual ele nunca se esquivou sob nenhum pretexto. Escrevi no número da Herne que acaba de lhe ser dedicado que ele era e continuará a ser o homem sem álibi, o pensador mais universal e mais singular daquilo que nos escapa tão freqüentemente em razão de todos os álibis que nos damos. Na nossa relação com o outro, com “o outro do outro”, como ele sabia dizer, na nossa relação com o que é justo, o mais justo, do outro e de si em todas as áreas.

Ele falava todas as línguas, a da filosofia, claro, mas também a do direito, do político, de uma democracia ainda por vir, a língua da poesia e da arte, também a da psicanálise em todos os seus idiomas. Ele as falava todas com a intransigência que cada uma delas merece. Ele sabia pensar todas as questões que incendeiam o mundo e nos queimam do interior com um refinamento, uma sutileza, uma exigência, com a ausência de concessões que nosso tempo está perdendo numa restauração plana de todos os velhos esquemas de pensamento.

Jacques Derrida mantinha e mantém sempre para nós uma vida outra que aquela da economia do possível, “uma vida sem dúvida impossível mas a única que valha ser vivida, sem álibi, uma vez por todas”.

Foi e continuará a ser para mim, pelo tempo que me resta viver, um encontro raro, decisivo. Um encontro que o será também para as gerações que vierem, se elas souberem partilhar este encontro sem medida.

Elas precisarão da coragem, do trabalho, sem descanso, sem facilidades, cujo exemplo ele terá dado e continuará a dar.

René Major,

9 de outubro de 2004